

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PRÁTICA DOCENTE.

Alex Alves Silvestre.

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPI-CSHNB).
Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID-UFPI).

Resumo

Este artigo traz à tona as reflexões iniciais de uma pesquisa em andamento, que objetiva-se na investigação das atitudes dos professores e comportamentos dos alunos quando entra em cena assuntos referente à sexualidade nas séries iniciais na Escola Estadual Teresinha Nunes, cidade de Picos-PI. Investiga-se a rotina da práxis docente, direcionada a criar e/ou aproveitar situações no cotidiano das aulas para que se possa diagnosticar o que os discentes sabem ou querem saber sobre o assunto. Consonante com que diz a proposta de transversalidade defendida pelos parâmetros curriculares nacionais (PCN's), visando preencher as lacunas, formar opiniões e diversificar conceitos. Nesse estudo foram utilizadas como fundamentação teórica, as idéias de Louro (2001), Britzman (2001), Figueiredo (2007), Frison (2008) que abordam questões como: subjetividade, dimensão social, resistência cultural, curiosidade sexual, domesticação dos corpos e o preconceito ao desvio da norma padrão. Já na perspectiva das relações de gênero no âmbito escolar e a influência da mídia na construção da sexualidade infantil, ênfase as concepções de Souza (1999) e Silva (2005), que trazem uma ótica baseada em situações empíricas. Como procedimentos metodológicos estão sendo utilizados: aplicação de questionários aos professores; relatos informais extraídos de conversas com os envolvidos; registros de observações no momento das aulas e no horário do intervalo. O diagnóstico parcial dessa pesquisa evidencia docentes que trazem ideologias tradicionalistas que posicionam os educandos para que não vejam o espaço escolar como um ambiente que os deixe à vontade, reforçando a ideia que falar de sexualidade é algo errado, sujo e imoral. Não permitindo que as curiosidades fluam naturalmente.

Palavras-Chave: Sexualidade, Educação Escolar, Prática Docente.

1. Introdução.

Esse artigo aponta algumas reflexões teóricas que fundamentam uma pesquisa em andamento, que tem como objetivo analisar como os professores estão tratando a temática sexualidade no âmbito escolar, no tocante a conteúdos como corpo e gênero, frente a atitudes, dúvidas e questionamentos dos alunos.

Procura-se saber de fato como esta sendo posta em prática a proposta de transversalidade desse tema na escola. Trabalhando-se conforme a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que sugerem uma docência sem tradicionalismos, que busque conhecer as dúvidas, inquietações e questionamentos dos alunos, mostrando que a sexualidade não resume-se apenas à relações sexuais ou divisão de gêneros:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. Há também a presença clara da sexualidade dos adultos que atuam na escola. Pode-se notar, por exemplo, a grande inquietação e curiosidade que a gravidez de uma professora desperta nos alunos menores. Os adolescentes testam, questionam e tomam como referência a percepção que têm da sexualidade de seus professores, por vezes desenvolvendo fantasias, em busca de seus próprios parâmetros. Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. (BRASIL, 1997, p. 08).

O objeto de pesquisa desse estudo compreende a análise comportamental dos alunos das séries iniciais do 1º ao 5º ano e as atitudes dos educadores nas suas práticas pedagógicas, desenvolvendo ou não, um trabalho de elucidação sexual infantil, buscando uma forma eficiente de correção e/ou construção de conhecimentos que foram extraídos das mídias e das relações inter-pessoais (jogos, brincadeiras, histórias infantis e exibição de filmes que falam dos papéis desempenhados por meninos e meninas).

Partindo-se do princípio de que os pais dialogam pouco ou quase nada a respeito de assuntos ligados a sexualidade com os filhos, aumentando assim a responsabilidade da escola e dos professores no que diz respeito a criar e/ou aproveitar situações na sala de aula, para que se possa diagnosticar o que os alunos sabem ou querem saber sobre o assunto. Repassando-lhes as informações corretas, longe de uma educação repressora à manifestação da sexualidade.

A metodologia que está sendo utilizada para proceder o estudo em questão baseia-se na aplicação de questionários direcionados ao corpo docente, buscando conhecer o preparo e/ou as informações que eles possuem sobre a proposta dos PCN's ao abordarem a sexualidade na sala de aula como temática transversal; sondagem observatória que será realizada no momento das aulas, buscando inferirem-se ilustrações verídicas de atitudes e comportamentos na relação professor-aluno diante de situações que desenvolvam padrões de gênero e disciplinamento dos corpos; relatos informais, extraídos de conversas com discentes, buscando conhecer suas inquietações, posicionamentos e conceitos cotidianos, conforme o desenrolar da pesquisa.

2. Compreendendo a presença da sexualidade no cotidiano infantil.

Inicialmente procuro deixar claras as minhas ideias do conceito de sexualidade e gênero, fazendo uso da ótica de Weeks (2001) que diz: “Para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres, usarei o termo “gênero”. Usarei o termo “sexualidade” como uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam [...]” (p.43)

Atualmente as crianças e adolescentes recebem freqüentemente uma enorme quantidade de informações sobre corpo, gênero e sexualidade através da mídia. No entanto, apresentam muitas dúvidas sobre o assunto, já que a televisão e os outros meios de comunicação não dão resposta e nem interagem com os questionamentos desse grupo de telespectadores.

Devido a corrida para o mercado de trabalho, os pais pouco acompanham o desenvolvimento dos filhos, que longe da companhia dos pais, ficam grande parte do dia na frente da televisão, sendo bombardeados por cenas sexuais alheias a sua realidade imediata, fazendo com que elas vejam o sexo como algo banal, sem ter consciência do verdadeiro valor da sexualidade humana, desenvolvendo cada vez mais cedo seu interesse pelas atividades sexuais. (SOUZA, 1999, p.33)

Então, esses vão levar suas inquietações para a família, que não vai saber responder aos questionamentos dos filhos. Ou melhor, podem até saber respostas, mas devido a educação repressora a sexualidade que foram criados, preferem omitir ou fantasiar as informações corretas: “Para alguns, as crianças são seres “puros” e “inocentes”que não têm sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem a conotação de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve à má influência de adultos. (BRASIL, 1997, p. 12).

Por conseguinte, fica direcionado todo o peso dessa responsabilidade de construção de gênero ao espaço escolarizado que segundo Silva (2005) difundem práticas cotidianas sexualistas que dicotomizam os sexos e levam a própria instituição escolar a ser fonte de desigualdade entre os gêneros como forte/fraco, superior/inferior, ativo/passivo:

A construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade, e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos, e

transmitidas através da educação, o que atualmente recebe a denominação de “relações de gênero”. Essas representações internalizadas são referências fundamentais para a constituição da identidade da criança. (BRASIL, 1997, p. 13).

Estudos evidenciam que a criança é por natureza curiosa, e nem sempre conta com a ajuda de adultos para se descobrir, percebendo assim, que existem diferenças físicas que as distinguem como meninas e meninos:

(...) a criança brinca com seu próprio corpo desde pequenina. Explora cada parte dele e por vezes, e se detém nos genitais. Descobre que o corpo é fonte de prazer e gosta das sensações que obtém. Estas experiências precoces serão a base de uma sexualidade sadia no futuro. (BARROSO & BRUSCHINI 1991, p. 31).

Pensando nisso, sabemos que os primeiros contatos da criança com a sexualidade e a divisão de gêneros são vivenciados na família, na escola e na própria sociedade que é onde ela aprende e exercita a educação sexual marcada pelo que Louro (2001) chamou de disciplinamento dos corpos à norma padrão. Utilizando-se como exemplo expressões do tipo:

Seja gentil ela é uma menina! Isso é brincadeira de menina. Menino não chora! Isso não é coisa que moça fale. Coragem, você é homem! Senta direito, você é menina. Homem não leva desaforo para casa. Vai ficar chorando igual uma mulherzinha? (SILVA, 2005, p.171)

Essa é uma marca de estereótipos sexuais e atribuições de corpo e gênero rotuladas pela sociedade que sempre abre margens ao preconceito contra quem desobedece a essa norma. Esse discurso torna-se ainda mais claro quando, muito frequentemente: “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. (LOURO, 2001, p.29)

Esses padrões são detectados na escola, quando presenciamos o estranhamento à homossexualidade, onde a cultura do país ainda não vê a homoafetividade como algo natural do dia-a-dia e do exercício da sexualidade humana. É uma concepção social que visivelmente reflete no âmbito escolar, onde as crianças são instigadas desde pequenas a enxergarem a homossexualidade como “monstruosidade” ou patologia.

Não se põe em prática as idéias de Frision (2008) que defende a sexualidade em si como uma orientação que é aprendida e construída pelo próprio sujeito, de acordo com que ele gosta e se sente bem, em grande parte, condicionada por sistemas de valores familiares, culturais e sociais vigentes, onde esses valores podem reprimir ou incentivar essa orientação.

3. Postura docente: reprimir ou reproduzir as concepções sexuais em suas práticas pedagógicas.

Os parâmetros curriculares nacionais sugerem que:

Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus. (BRASIL, 1997, p. 16).

Entretanto, nas praticas docentes atuais do ensino brasileiro muitos educadores continuam adotando metodologias tradicionais que não priorizam a abordagem da sexualidade como tema transversal no currículo do ensino fundamental.

É comum detectar-se nessas práticas pedagógicas concepções conservadoras que não dão suporte ao tema em voga, e não proporcionam momentos para que o aluno sintasse mais à vontade para mostrar o que sabe ou deseja saber sobre mitos e tabus da sexualidade que perpassam o seu cotidiano. Furlani (1998) nos ajuda a compreender e diferenciar o que é mito e o que vem a ser tabu:

Mito sexual pode ser compreendido como conjunto de concepções errôneas e falácias criadas a partir de rumores, superstições, fanatismo ou educação sexual falha. (p.20)

Tabus sexuais podemos considerar, os atos, palavras, costumes, modos de vestir e símbolos sexuais proibidos numa dada sociedade por motivos religiosos ou sociais, tidos como impuro, e que não pode ser violados, sob pena de reprovação e perseguição social. (p.89)

Alguns educadores acreditam que a educação e orientação sexual devem ser somente ligadas ao estudo do corpo e dos órgãos reprodutores, sendo de

responsabilidade dos professores de ciências do corpo humano. Normalmente, nesta disciplina é priorizado somente o aspecto puramente biológico do conteúdo, sem dar atenção ao psicológico e ao sociocultural:

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade. (BRASIL, 1997, p. 08).

Tem que se entender que falar em sexualidade no espaço escolar, não é apenas trata-lá como um estudo de dimensão puramente bilógica. Frision (2008) deixa claro que a sexualidade se expressa no corpo e na subjetividade de cada sujeito em encontro com a dimensão social que vive, envolvendo a emoção, afeto e imaginário.

No entanto, os docentes posicionam-se de tal forma que as crianças não vejam um espaço escolar que as deixe à vontade. É muito comum professores reforçarem a ideia que falar de sexualidade é algo errado, sujo e imoral, não permitindo que as curiosidades infantis fluam naturalmente, pois segundo Britzman (2001, p.83): “A sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade. Sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender”.

Recorrendo às ideias de Figueiredo (2007), percebe-se que as escolas precisam ter conhecimento que são também influencia a construção da vida sexual do seu educando dentro da sociedade que rege de posturas e valores. Visto que é uma máxima a ideia que assim como a escola é aparelho de reprodução é também aparelho de resistência:

Não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias. (BRASIL, 1997, p. 21).

Portanto, de acordo com o estudo apresentado percebe-se que o papel do educador não deve ser restrito apenas à mediação de conteúdos curriculares. Ele também deve atuar como orientador de saberes relacionado a corpo, gênero e afetividade das crianças desde cedo. Baseando-se na ideia que o adulto que temos hoje é

apenas o reflexo da educação que lhe foi transmitida quando criança, ou seja, uma criança que é educada em um ambiente tradicional, quando adulta vai refletir o tipo de educação que lhe foi transmitida.

04. Considerações Parciais.

Busco aqui refletir sobre os rumos de uma educação para a diversidade, que respeite as diferenças e contribua para formação da cidadania, através de uma prática docente que não negue a transversalidade dessa temática no currículo de todos os níveis e modalidades de ensino. Só assim a escola possa poderá está preparada para tirar as dúvidas e esclarecer curiosidades sobre sexualidade dos discentes.

Muitas vezes a escola encontra resistência dos alunos ao colocar em discussão essa temática, devido aos valores que eles recebem em casa. No entanto, o docente deve explorar a variedade de opiniões, que é valiosa e faz crescer o respeito, ampliando o universo de informações dos discentes e contribuindo para a formação de suas próprias escolhas.

Portanto, trabalhar-se na pauta de que é comum ver que a população no geral vivencia a sexualidade no dia-a-dia com muita discricção, apesar de ser de vital importância para o ser humano. Então, cabe aos educadores nas suas práticas pedagógicas, desenvolverem sistematicamente esse trabalho de elucidação sexual desde a infância, nas séries iniciais.

05. Referências.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e Juventude**: Como discutir a sexualidade em casa e na escola. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais. **Pluralidade cultural e orientação sexual. Temas transversais**. v.10.MEC.Brasília.1997.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. in.LOURO,Guacira Lopes ,(org).O corpo educado:pedagogias da sexualidade,2 ed.Belo Horizonte:Autêntica,2001.

FIGUEIREDO, Lilia Márcia de Sousa.(et all).**Educação Escolar e Sexualidade**. 2007.Disponívelem<://http://scholar.google.com.br/scholar?q=EDUCA%C3%87%C3%83O

+ESCOLAR+E+SEXUALIDADE&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar > acessado em 26/04/2011

FRISION, Lourdes Maria Bragagnolo. **Corpo, Gênero e Sexualidade na Educação Infantil**. vol.16,no1,2008. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/569/395>> Acessado em 26/04/2011

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da sexualidade Humana**. Florianópolis: CEPEC Editora, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Marilena Batista. **Orientação Sexual na Escola: os anseios dos jovens**. 1999. 74f. Monografia (graduação em pedagogia) Faculdade de filosofia Dom Aureliano Matos. Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte.

SILVA, Daniela Magalhães. **Relações de gênero no espaço escolarizado: o desafio de integrar polaridades**. in. FRAZÃO, Lilian Meyer ; ROCHA, Sergio Lizias C. de O. (Orgs) Gestalt e Gênero. [S.L]: livro pleno, 2005.

WEEKS, Jeffrey . **O corpo e a sexualidade**. In. LOURO, Guacira Lopes, (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001